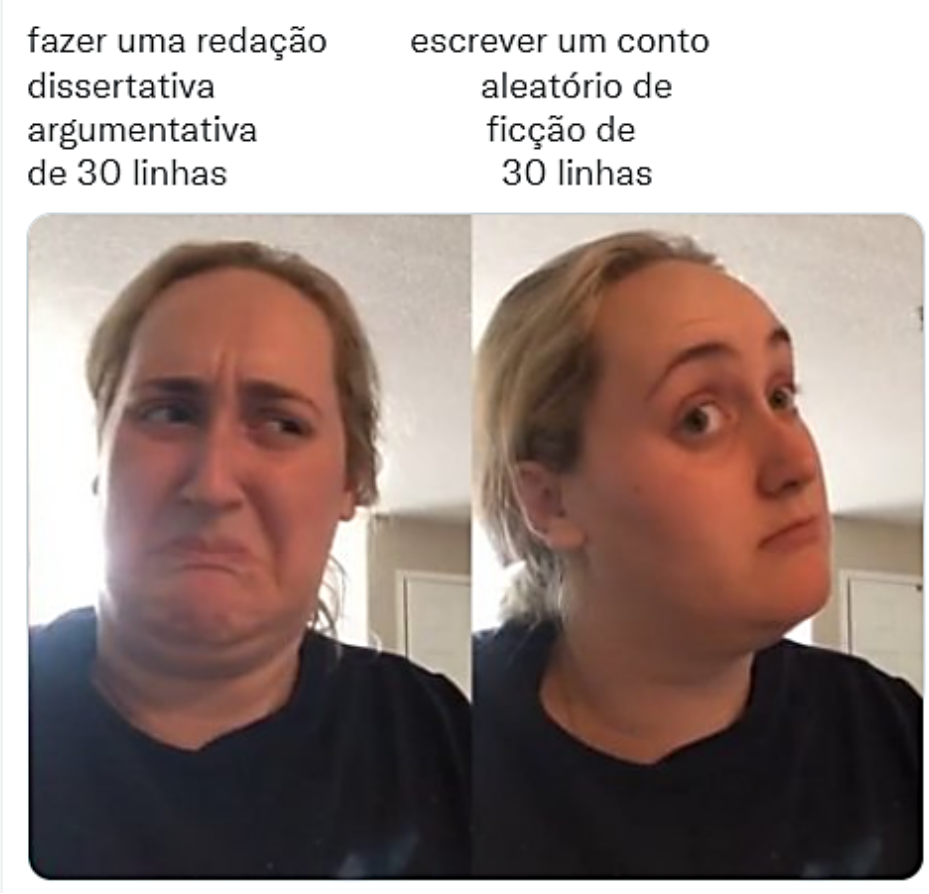
A redação com outros gêneros textuais – Parte II

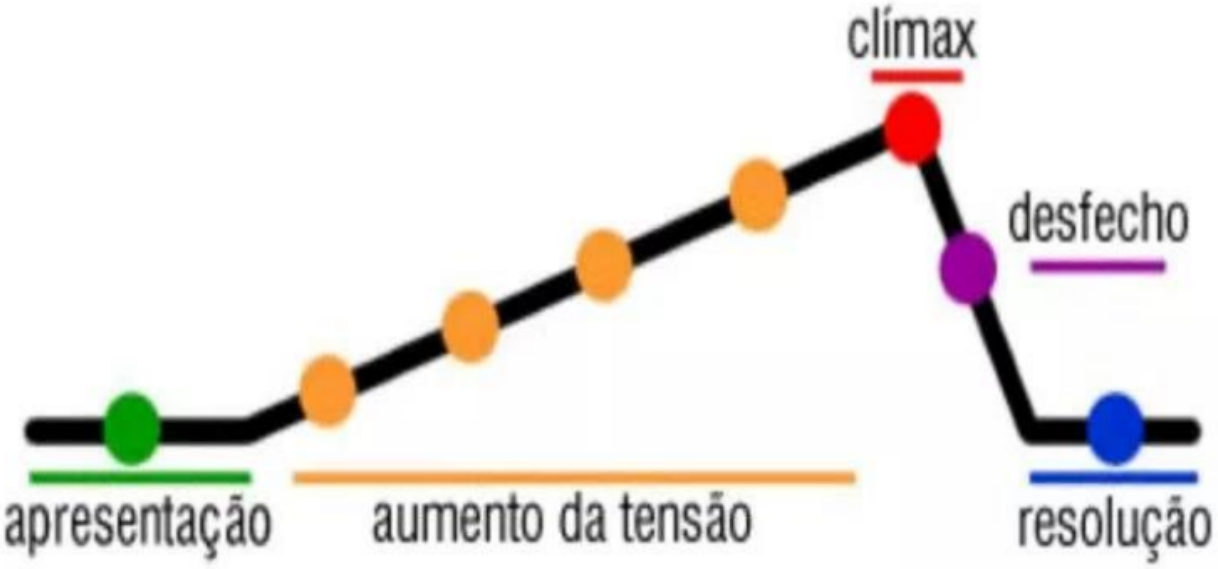
Professor Filipe – 29/08/23

Carta? Artigo de opinião? Conto? Crônica? Existe redação que não seja texto dissertativo-argumentativo? Pois bem! Há vestibulares que, na prova de redação, podem exigir a escrita de textos de outros tipos, o que gera angústia em quem está habituado a só fazer texto dissertativo-argumentativo. Se identifica com essa situação? Então essa aula é para você! Vamos trabalhar com o conto e a crônica, gêneros com caráter narrativo mais evidente.



Parte I – Conto

ESTRUTURA DO CONTO



- Texto ficcional, conciso e curto (tanto em extensão quanto no tempo em que se passa o enredo);
- Apresenta ações que se passam em um único núcleo narrativo com poucos personagens;
- Tudo o que aparece no conto leva o leitor ao desfecho e, geralmente, os textos se organizam de uma maneira bastante tradicional.
- Características literárias e ficcionais bem marcadas, com possibilidade de utilização de figuras de linguagem e subjetividades.

CARACTERÍSTICAS:

- **Enredo ou a trama**: sequência formada pelos fatos que se desenrolam durante a narrativa;
- **Tempo:** diz respeito ao momento em que a história acontece, e à duração dos acontecimentos ao longo do enredo;
- **Espaço:** os locais onde os acontecimentos se desenvolvem.
- **Personagens:** são os seres envolvidos nos fatos e que formam o enredo da história. Qualquer coisa pode ser transformada em personagem de uma narrativa. Os personagens podem ser pessoas, animais, seres inanimados, seres que só existem na crendice popular, seres abstratos ou ideias e outros.

Parte II – Proposta de redação UFSC 2019

REDAÇÃO

Com base nos Textos 1, 2 e 3, escolha **uma** das três propostas apresentadas na página seguinte para escrever a sua redação.

Texto 1

Disponível em: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>. Acesso em: 20 ago. 2018.

Texto 2

Texto 3

O Projeto de Lei 6.299/2002 altera o registro de agrotóxicos (produção, transporte, utilização e fiscalização, entre outros, de agrotóxicos, seus componentes e afins) e está em tramitação na Câmara dos Deputados. A proposta reduz poderes do Ibama e da Anvisa e concede ao Ministério da Agricultura a competência para a liberação dos agrotóxicos, propõe a flexibilização do controle do Estado, retira a competência de estados e municípios para elaborar leis mais específicas e restritivas e libera qualquer agrotóxico aprovado em pelo menos três países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), além de propor a mudança na denominação dessas substâncias, que passariam a ser chamados "produtos fitossanitários" ou "produtos de controle ambiental". [...]

RECINE, Elisabetta. Não queremos nem podemos comer mais veneno!. *Le monde diplomatique Brasil*: artigos, 15 maio 2018. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/não-queremos-nem-podemos-comer-mais-veneno/>. [Adaptado]. Acesso em: 20 ago. 2018.
*Elisabetta Recine é presidenta do Consea, professora da Universidade de Brasília (UnB) e pesquisadora.

PROPOSTA 1

Produza um **conto** que narre como seria a vida das pessoas em 2050 caso o projeto de lei de "Flexibilização do controle do Estado sobre os agrotóxicos, seus componentes e afins" fosse aprovado.

Parte III – Exemplo de conto na UFSC

TÍTULO	Torta de morango

Coração acelerado, mãos suadas, olhos arregalados. O medo me dominou. Voltando do médico, paro o carro no semáforo vermelho. Um jovem vende bandejas de morango, o preço é atrativo, 4 por dez reais. Morangos graúdos, mais vermelhos que o sinal, cheiro delicioso. Esses morangos fariam quaisquer olhos brilharem, mas deixaram os meus afogados. Lembrei-me imediatamente dela, de minha mãe.

Até meus dezoito anos, morei no campo. Minha família era dona de um pequeno pedaço de terra. Papai cuidava das maçãs; mamãe, dos morangos. Eu admirava o carinho dela com aquelas pequenas frutas, tão gostosas, tão trabalhosas. Como a colheita era sempre próxima ao meu aniversário, minha mãe preparava uma divina torta. Torta de morango, a minha predileta, feita por ela ficava ainda mais especial.

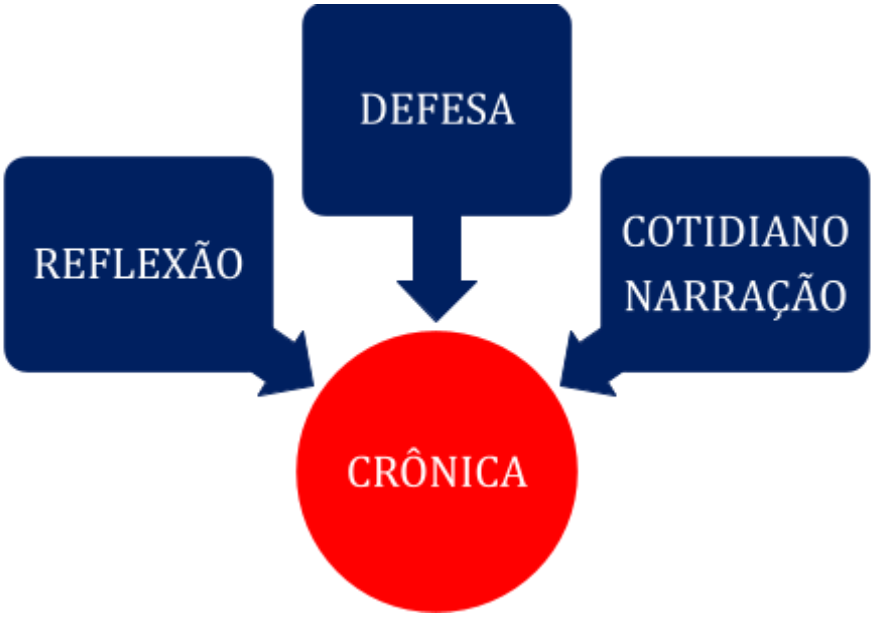
Quando atingi a maioridade, mudei-me para a cidade. Tornei-me responsável por ir ao mercado e, semanalmente, eles realçavam na prateleira. Os morangos da cidade eram tão mais belos que os de minha mãe, além de mais presentes – nunca deixavam seu lugar vazio. Decidi, então, usá-los para fazer a torta do meu 19º aniversário e avisei mamãe. Ao tentar servi-la com o primeiro pedaço, ela disse que não se sentia bem. Estranhei. Terminada a festa, perguntou-me sobre os morangos. Acreditei ser inveja. Ela não falou mais nada. No outro dia, disse para eu cuidar com veneno, especialmente naquele momento de novas flexibilizações. Ignorei.

Aquele foi nosso último encontro. Com a morte de meus pais, nossa terra foi incorporada pelo latifúndio ao lado. Os morangos da minha infância também cesseram. Nos aniversários subsequentes, usei-os para fazer a torta. Até que, na véspera de completar 50 primaveras, sonhei com minha mãe. Ela implorava para que eu fizesse torta de uva. Apesar de os morangos estarem ainda maiores, mais brilhosos e cheirosos, comprei as pequenas uvas.

Agora, novamente meu aniversário se aproxima. Retornando do médico, enxergo as bandejas de morango e entendo o alerta daquele vermelho. Como queria voltar no tempo e valorizar a mensagem dita, há 32 anos, por minha mãe. Outrora abril, meus momentos restantes são poucos, preciso preparar meus filhos. Segundo o doutor, não demorará para que eu passe o aniversário com mamãe. Já posso imaginar a torta de pequenos e seletos morangos e o sermão.

Parte IV – Elementos da crônica

Crônica é um gênero textual que aborda temas do cotidiano. Normalmente é veiculada em jornais e revistas. O cronista narra situações corriqueiras sob uma ótica particular.



CARACTERÍSTICAS

- **Estrutura**: Relativamente livre, dividida em parágrafos e/ou diálogos. Parte ou surge de um acontecimento do cotidiano. Portanto, pode apresentar alguns ou todos os elementos narrativos (personagens, tempo, espaço, enredo, conflito, clímax e desfecho).
- **Função:** Defender um ponto de vista qualquer, a partir de um fato ou acontecimento do dia a dia.;
- **Estilo:** Linguagem coloquial, simples e direta; Temas cotidianos e polêmicos; Geralmente narrado na primeira pessoa verbal; se na terceira, preferível que o narrador seja testemunha do acontecimento; Humor, ironia, crítica; Caráter contemporâneo.

Parte VI – Proposta de redação UNICAMP 2020

REDAÇÃO PROPOSTA 2

Você é um(a) escritor(a) que publica uma **crônica** em uma revista semanal. Sempre se viu como uma pessoa livre de preconceitos e sempre apoiou a igualdade de gêneros. Hoje, porém, ao ler uma matéria no *El País*, você se deu conta de que, certa vez, vivenciou um episódio em que considerou normal uma das atitudes listadas nessa matéria, as quais, segundo Ianko López, revelam o *micromachismo* enraizado em nossa sociedade.

Diante da sua tomada de consciência, você decidiu que esse será o tema da sua **crônica** desta semana. Identificou, então, entre as atitudes listadas (excerto 1) a que corresponde à situação que você vivenciou. Em sua **crônica**, você deve, tal como fez Chimamanda Ngozi Adichie (excerto 2): **a)** narrar o episódio vivenciado por você, **b)** relacioná-lo à atitude *micromachista* escolhida e **c)** expor suas reflexões sobre os sentimentos que o reconhecimento dessa atitude despertou em você.

Crônica é um gênero textual que aborda temas do cotidiano. Normalmente é veiculada em jornais e revistas. O cronista narra situações corriqueiras sob uma ótica particular.

Para redigir o seu texto, leve em conta os excertos apresentados a seguir.

1) As atitudes machistas mais flagrantes são claras para nós. Aquelas que, de forma manifesta e constante, colocam a mulher em uma posição inferior ao homem em contextos sociais, econômicos, jurídicos e familiares. Aquelas que consideram que o homem e a mulher nascem com objetivos e ambições diferentes na vida. No entanto, apesar das reivindicações históricas dos anos 1970 e da crescente conscientização em relação ao machismo em todos os âmbitos culturais e políticos nos últimos anos, há pequenos resquícios que continuam interiorizados em muitos de nós. São sequelas da nossa educação e dos produtos culturais que nos formaram como pessoas e que fazem com que, apesar de criticarmos e denunciarmos o machismo, ainda possamos cair em algumas de suas armadilhas sem perceber. O micromachismo, como vem sendo chamado nos últimos cinco anos, se manifesta em formas de discriminação muito sutis que acontecem todos os dias, até mesmo nos ambientes mais progressistas. Segue uma lista baseada em exemplos que demonstram que talvez tenhamos entendido o grosso das reivindicações feministas, mas ainda precisamos ler as letras miúdas.

1. Achei necessário explicar algo a uma mulher sem que ela me pedisse, pelo simples fato de ser mulher.
2. Comentei com um amigo que ficou cuidando dos filhos: “Hoje te deixaram de babá.”
3. Perguntei a uma mulher se ela estava “naqueles dias” quando me respondeu com indiferença ou desprezo.
4. Disse que “ajudo” nas tarefas do lar, subentendendo que esse é um trabalho da mulher em que eu estou ajudando, e não participando em condições de igualdade.
5. Em meu trabalho ou entre amigos, só chamo os homens para jogar futebol, pressupondo que as mulheres não querem jogar.
6. Perguntei a uma mulher quando vai ter filhos, mas nunca perguntei o mesmo a um homem.
7. Pago todos os meus jantares com mulheres acreditando que é o que se espera de mim.
8. Descrevi uma mulher como “pouco feminina”.
9. Usei a palavra “provocante” para descrever a roupa de uma mulher.
10. Comentei que “essas não são formas para uma moça falar.”
11. Na televisão, aprecio homens ácidos e divertidos e mulheres bonitas.
12. Fiz o comentário “Ela é uma mulher forte”, subentendendo que as mulheres, em geral, são fracas.
13. Deixo meu filho adolescente ficar na rua até as 3 da madrugada, mas obrigo minha filha a voltar antes da meia-noite.

(Adaptado de Ianko López, Micromachismos: se é homem e faz alguma destas coisas, deve repensar seu comportamento. Disponível em *El País*. https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/07/politica/1520426823_220468.html. Acessado em 28/06/2019.)

2) Quando eu estava no primário, em Nsukka, uma cidade universitária no sudeste da Nigéria, no começo do ano letivo, a professora anunciou que iria dar uma prova e quem tirasse a nota mais alta seria o monitor da classe. Ser monitor era muito importante. Ele podia anotar, diariamente, o nome dos colegas bademeiros, o que por si só já era ter um poder enorme; além disso, ele podia circular pela sala empunhando uma vara, patrulhando a turma do fundão. É claro que o monitor não podia usar a vara. Mas era uma ideia empolgante para uma criança de nove anos, como eu. Eu queria muito ser a monitora da minha classe. E tirei a nota mais alta. Mas, para minha surpresa, a professora disse que o monitor seria um menino. Ela havia se esquecido de esclarecer esse ponto, achou que fosse óbvio. Um garoto tirou a segunda nota mais alta. *Ele* seria o monitor. O mais interessante é que o menino era uma alma bondosa e doce, que não tinha o menor interesse em vigiar a classe com uma vara. Mas eu era menina e ele, menino, e ele foi escolhido. Nunca me esqueci desse episódio. Se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal. Se só os meninos são escolhidos como monitores da classe, então em algum momento nós todos vamos achar, mesmo que inconscientemente, que só um menino pode ser o monitor da classe. Se só os homens ocupam cargos de chefia nas empresas, começamos a achar “normal” que esses cargos de chefia só sejam ocupados por homens. Eu tendo a cometer o erro de achar que uma coisa óbvia para mim também é óbvia para todo mundo. Um dia estava conversando com meu querido amigo Louis, que é um homem brilhante e progressista, e ele me disse: “Não entendo quando você diz que as coisas são diferentes e mais difíceis para as mulheres. Talvez fosse verdade no passado, mas não é mais. Hoje as mulheres têm tudo o que querem.” Oi? Como o Louis não enxergava o que para mim era tão óbvio? (Adaptado de Chimamanda Ngozi Adichie. *Sejamos todos feministas*. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia da Letras, 2015, p. 15-17.)

Parte VII – Exemplo de redação UNICAMP 2020

O Tratado Absoluto das Roupas Femininas

Na semana passada, uma grande amiga convidou-me para acompanhá-la em um ilustríssimo evento: um “show” de sertanejo no clube da cidade. Haveria tudo com que mulheres progressistas como nós – pelo menos, era o que eu pensava que éramos – sonham: bebidas, diversão até tarde da noite e, sobretudo, tolerância. Ora, como não ir? Logo depois do convite, eu já fora procurar uma roupa (“look”, para os íntimos) para cumprir a nobre missão de cantar “Jorge e Mateus” até ficar rouca.

No dia combinado, chegamos bem cedo para pegar uma boa mesa, onde eu, minha amiga e algumas garotas conhecidas nos sentamos. Conversávamos alegremente até que a visão de outra garota conhecida – que chamaremos de Gabriela – vestindo uma bela saia de veludo vermelho, botas de salto alto e brincos de argolas douradas (hoje, percebo que ela estava indefectível), nos paralisou. Gabi aproximou-se da mesa enquanto a observávamos como se ela tivesse vindo diretamente de Júpiter. Não faltaram olhadelas inquisidoras, ainda que discretas. A alienígena sentou-se e conversamos um pouco até que ela decidiu ir ao banheiro (sozinha, porque nenhuma de nós quis acompanhá-la). Gabi mal havia saído quando minha amiga sentenciou: “Nossa, que roupa mais provocante! Chega a ser exagerada! Ela deveria ter mais senso ao se vestir”.

Foi unanimidade: todas nós concordamos com a constatação; algumas endossaram o parecer com comentários do tipo “ela só quer atenção” ou “não sei como ela tem coragem”. Naquele momento, não vi, admito envergonhada, qualquer problema no julgamento. O tribunal da roupa é recorrente, e toda mulher conhece suas leis. Somente hoje, ao ler uma matéria do “El País” sobre micromachismo, pude reconhecer o quão terrível fora minha atitude de classificar a roupa de Gabi como “provocante”.

Eu, que me achava tão progressista, mantinha enraizada em minha mentalidade a ideia de que mulheres não devem usar saias curtas. Eu, a feminista, utilizei-me de um código não verbalizado ao pensar que Gabi estava sendo indecente. Ora, que leis são essas que proíbem uma garota de se vestir como bem entender? Respondo: o código machista que, por vezes oculto, repeti tantas vezes para mim mesma. Esse é o “tratado” que usei como recurso de opressão contra Gabriela. Com vergonha e até mesmo com indignação, admito que percebi muito tarde o micromachismo do qual sou agente.

Diante disso, aprendi uma lição, e tenho uma certeza: estivesse Gabi com uma saia curta, estivesse Gabi coberta inteiramente por um vestido longo, a justiça machista a condenaria pelo simples fato de ser mulher. Deixo registrado aqui o triunfo de Gabi, mulher que enfrentou um código o qual, enquanto perdurar, limitará a liberdade feminina e condenará todas nós.

Parte VIII – Análise da banca

Essa crônica, intitulada “O tratado absoluto das roupas femininas”, é, por extensão, um tratado absoluto do feminismo. Isso porque todas as personagens são mulheres, construídas propositalmente sob a óptica do machismo: preocupam-se com futilidades, como o tipo de roupa (ou “look”); curtem o show de uma dupla sertaneja composta por homens brancos, héteros, musculosos e tatuados (Jorge e Mateus); costumam acompanhar as amigas ao banheiro (para retocar a maquiagem, talvez); enfim, são personagens-mulheres estereotipadas, mas que vão sendo desconstruídas como tal ao longo da narrativa pela voz da narradora-personagem, que, por sua vez, também incorporara esse estereótipo. Ao final, a narradora-personagem toma consciência do(s) seu(s) ato(s) micromachista(s) e se rende à sororidade, sentimento importante na luta do movimento feminista – eis o tratado absoluto do feminismo. Faz-se importante destacar ainda o fato de a crônica ser narrada por uma mulher, que se considerava “progressista”, mas que se reconhece micromachista, e por isso se pune e se redime (“Diante disso, aprendi uma lição”). Esse detalhe não deve passar despercebido, uma vez que confere à crônica mais força persuasiva. Não que homens não possam se reconhecer micromachistas, mas uma mulher assumir-se como tal provoca muito mais constrangimento, afinal, pensou e agiu contra outra mulher, contrariando assim a “Teoria do brilho”, quando “juntas somos mais fortes”, “#MexeuComUmaMexeuComTodas” ou “#MeToo”.

Não apenas a ideia de cronista-narradora-mulher foi pensada. Houve, desde o início da redação, um projeto de texto bem definido e bem arquitetado: do título, recuperado no quarto parágrafo do texto, às estratégias de flash-forward, um dispositivo narrativo pós-moderno usado quando se pretende antecipar ações ou reflexões que serão devidamente compreendidas em um momento futuro da narrativa. É o caso de “Haveria tudo com que mulheres progressistas como nós – pelo menos era o que eu pensava que éramos – sonham”, no primeiro parágrafo, e de “hoje, percebo que ela estava indefectível”, no segundo parágrafo. Nesses dois momentos a narradora-personagem projetou ideias que compreenderíamos somente depois, no decorrer da narrativa: no primeiro exemplo, em que as personagens pensavam ser mulheres progressistas mas não eram, e no segundo, em que a amiga Gabriela não estaria usando uma roupa provocante nem exagerada, mas, com a consciência do presente, estaria usando uma roupa indefectível, tal como o adjetivo da música do Skank.

De fato, trata-se de uma redação acima da média, que cumpre com excelência todas as exigências da nossa grade de avaliação. Uma crônica publicável.

Parte VIII – Exercícios de casa

Pessoal, nesta semana, vou propor como tarefas de casa que vocês treinem os gêneros estudados nesta aula, o conto e a crônica. Para isso, selecionei duas propostas de redação oficialmente já aplicadas em vestibulares que cobram esses dois gêneros. É um bom treino para quem vai prestar outras provas além do Enem. Por essa razão, sugiro fortemente que vocês se desafiem com esses temas.

Proposta 1 – Conto
https://www.mesalva.com/app/texto/redufsc19-20192-proposta-1-conto-a-epidemia-de-sarampo-em-um-pais-sem-vacinas-66380?contexto=&modulo=ufsc-propostas-de-redacoes-771

Proposta 2 – Crônica
https://www.mesalva.com/app/texto/redunicamp19-unicamp-2017-cronica-obsolescencia-programada-61157?contexto=&modulo=unicamp-propostas-de-redacoes-780